

Índice

O que é o Pacto Educativo Global?	3
Mensagem do Papa Francisco para o lançamento do Pacto Educativo Global	4
Saudação	6
Introdução	7
7 compromissos com o Pacto Educativo Global	8
1. Colocar a pessoa no centro	10
2. Ouvir as gerações mais novas	11
3. Promover a mulher	12
4. Responsabilizar a família	13
5. Se abrir à acolhida	14
6. Renovar a economia e a política	15
7. Cuidar da casa comum	16
Áreas temáticas para investigação	17
1. Dignidade e direitos humanos	18
2. Fraternidade e cooperação	19
3. Tecnologia integral e ecologia	19
4. Paz e cidadania	20
5. Culturas e religiões	21
Universidade coordenadora	21
Entre na rede...	22
Anexo 1 Mensagem em vídeo do Papa Francisco sobre o Pacto Educativo Global (15-10-2020)	23
Anexo 2 Instrumentum laboris	26

O que é o Pacto Educativo Global?

Papa Francisco lançou no dia 12 de setembro de 2019 “o convite ao diálogo sobre a forma como estamos construindo o futuro do planeta e sobre a necessidade de investir nos talentos de todos, porque todas as mudanças precisam de um caminho educativo para fazer amadurecer uma nova solidariedade universal e uma sociedade mais acolhedora”.

Para este fim, promoveu a iniciativa de um **Pacto Educativo Global** “para reavivar o compromisso para e com as novas gerações, renovando a paixão por uma educação mais aberta e inclusiva, capaz de ouvir com paciência, de diálogo construtivo e de compreensão mútua”.

Trata-se de “unir esforços numa ampla aliança educativa para formar pessoas maduras, capazes de superar a fragmentação e a oposição e reconstruir o tecido das relações para uma humanidade mais fraterna”.



Mensagem do Papa Francisco para o lançamento do Pacto Educativo Global

Caríssimos,

Na carta encíclica *Laudato si'*, convidei a todos para colaborar na salvaguarda da nossa «casa comum», enfrentando juntos os desafios que nos interpelam. Passados alguns anos, visto que toda a mudança precisa duma caminhada educativa para fazer amadurecer uma nova solidariedade universal e uma sociedade mais acolhedora, renovo o convite para se dialogar sobre o modo como estamos a construir o futuro do planeta e sobre a necessidade de investir os talentos de todos.

Com esta finalidade, desejo promover um encontro mundial no dia 14 de maio de 2020, que terá como tema «Reconstruir o pacto educativo global»: um encontro para reavivar o compromisso em prol e com as gerações jovens, renovando a paixão por uma educação mais aberta e inclusiva, capaz de escuta paciente, diálogo construtivo e mútua compreensão. Nunca, como agora, houve necessidade de unir esforços numa ampla aliança educativa para formar pessoas maduras, capazes de superar fragmentações e contrastes e reconstruir o tecido das relações em ordem a uma humanidade mais fraterna.

O mundo contemporâneo está em transformação contínua, vendo-se agitado por variadas crises. Vivemos uma mudança epocal: uma metamorfose não só cultural mas também antropológica, que gera novas linguagens e descarta, sem discernimento, os paradigmas recebidos da história. A educação é colocada à prova pela rápida aceleração – a chamada *rapidación* –, que prende a existência no turbilhão da velocidade tecnológica e digital, mudando continuamente os pontos de referência. Neste contexto, perde consistência a própria identidade e desintegra-se a estrutura psicológica perante uma mudança incessante que «contrasta com a lentidão natural da evolução biológica» (Francisco, Carta enc. *Laudato si'*, 18).

Ora cada mudança precisa duma caminhada educativa que envolva a todos. Por isso, é necessário construir uma «aldeia da educação», onde, na diversidade, se partilhe o compromisso de gerar uma rede de relações humanas e abertas. Como afirma um provérbio africano, «para educar uma criança, é necessária uma aldeia inteira». Mas, esta aldeia, temos de a construir como condição para educar. Antes de mais nada, o terreno deve ser bonificado das discriminações com uma inoculação de fraternidade, como defendi no Documento que assinei com o Grande Imã de Al-Azhar, em Abu Dhabi, no passado dia 4 de fevereiro.

Numa aldeia assim, é mais fácil encontrar a convergência global para uma educação que saiba fazer-se portadora duma aliança entre todos os componentes da pessoa: entre o estudo e a vida; entre as gerações; entre os professores, os alunos, as famílias e a sociedade civil, com as suas expressões intelectuais, científicas, artísticas, desportivas, políticas, empresariais e solidárias. Uma aliança entre os habitantes da terra e a «casa comum», à qual devemos cuidado e respeito. Uma aliança geradora de paz, justiça e aceitação entre todos os povos da família humana, bem como de diálogo entre as religiões.

Para atingir estes objetivos globais, a caminhada comum da «aldeia da educação» deve dar passos importantes. Primeiro, ter a coragem de colocar no centro a pessoa. Por isso, é preciso assinar um pacto para dar uma alma aos processos educativos formais e informais, que não podem ignorar o facto de que tudo, no mundo, está intimamente conexo e é necessário encontrar – segundo uma sã antropologia – outros modos de compreender a economia, a política, o crescimento e o progresso. Num percurso de ecologia integral, coloca-se no centro o valor próprio de cada criatura, em relação com as pessoas e com a realidade que a rodeia, e propõe-se um estilo de vida que rejeite a cultura do descarte.

Outro passo é a coragem de investir as melhores energias com criatividade e responsabilidade. A ação propositiva e confiante abre a educação para uma projeção a longo prazo, que não encalhe na tendência estática das condições. Assim, teremos pessoas abertas, responsáveis, disponíveis a encontrar o tempo para a escuta, o diálogo e a reflexão, e capazes de construir um tecido de relações com as famílias, entre as gerações

e com as várias expressões da sociedade civil de modo a constituir um novo humanismo.

Um novo passo é a coragem de formar pessoas disponíveis para se colocarem ao serviço da comunidade. O serviço é um pilar da cultura do encontro: «significa inclinar-se sobre quem é necessitado e estender-lhe a mão, sem cálculos nem receio, com ternura e compreensão, como Jesus Se inclinou para lavar os pés dos Apóstolos. Servir significa trabalhar ao lado dos mais necessitados, estabelecer com eles, antes de tudo, relações humanas, de proximidade, vínculos de solidariedade» (Francisco, Discurso na visita ao Centro Astalli de Roma ao serviço dos refugiados, 10 de setembro de 2013). No serviço, experimentamos que há mais alegria em dar do que em receber (cf. Atos dos Apóstolos 20, 35). Nesta perspetiva, todas as instituições se devem deixar interpelar acerca das finalidades e métodos com que desempenham a sua missão formadora.

Por isso, desejo encontrar-vos em Roma a todos vós que, pelos mais variados títulos, trabalhais no campo da educação em todos os níveis da lecionação e da pesquisa. Convido-vos a promover em conjunto e ativar, através dum pacto educativo comum, as dinâmicas que conferem um sentido à história e a transformam de maneira positiva. Juntamente convosco, dirijo idêntico apelo a personalidades públicas que ocupem, a nível mundial, lugares de responsabilidade e tenham a peito o futuro das novas gerações; espero que acolham o meu convite. E faço apelo também a vós, jovens, para que participeis no encontro e sintais plena responsabilidade de construir um mundo melhor. O encontro será no dia 14 de maio de 2020 em Roma, na Aula Paulo VI do Vaticano. Uma série de seminários temáticos, em várias instituições, acompanhará a preparação do encontro.

Juntos, procuremos encontrar soluções, iniciar sem medo processos de transformação e olhar para o futuro com esperança. Convido a cada um para ser protagonista desta aliança, assumindo o compromisso pessoal e comunitário de cultivar, juntos, o sonho dum humanismo solidário, que corresponda às expectativas do homem e ao desígnio de Deus.

Fico à vossa espera e, desde já, vos saúdo e abençoo.

Franciscus

Vaticano, 12 de Setembro de 2019.

Saudação

de Sua Eminência Cardeal Giuseppe Versaldi

PREFEITO DA CONGREGAÇÃO PARA A EDUCAÇÃO CATÓLICA



Caros educadores,

é urgente humanizar a educação, colocar a pessoa no centro e criar as condições necessárias para o desenvolvimento integral. Ao dar às crianças e aos jovens uma autonomia justa e o papel necessário, será possível que todos cresçam interiormente, no meio de uma comunidade viva, interdependente e fraterna. Ao partilhar um destino comum, a complexidade da realidade será lida através da lente de um novo pacto educativo, que nos leva a redescobrir a beleza do humanismo inspirado no Evangelho.

Num contexto de dificuldade e polarização, nós, adultos, temos de dar um passo atrás, falar menos e ouvir mais as necessidades das crianças, a fim de permitir que os seus talentos individuais se manifestem e floresçam livremente. É aqui que se coloca o verdadeiro significado da inclusão, que “faz parte integrante da mensagem de salvação cristã” (Papa Francisco, Discurso aos participantes na Assembleia Plenária da Congregação para a Educação Católica, 20 de fevereiro de 2020). Educar é mais do que ensinar. Num processo tão delicado como articulado, podem ser construídos projetos de mudança partilhados para transformar concretamente contextos reais. Damos-lhes confiança, sem medo... Vão nos surpreender!

+ *Giuseppe Versaldi*

Introdução

de Sua Excelência Mons. Vincenzo Zani

SECRETÁRIO DA CONGREGAÇÃO PARA A EDUCAÇÃO CATÓLICA



Este vademecum é um guia preparado para implementar o Pacto Educativo e destina-se sobretudo aos educadores que têm a tarefa de acompanhar crianças e jovens, através de cursos de formação escolar e extracurricular, formal e informal, na construção da casa comum. Há muito que o Papa Francisco insiste na necessidade de investir os talentos de todos para desenvolver uma nova solidariedade universal e uma sociedade mais acolhedora.

Com as suas numerosas mensagens e sobretudo aquela dirigida no dia 15 de outubro de 2020, ele renovou o seu convite para fazer um pacto educativo que nos permita encontrar convergência global para uma educação que saiba manter uma aliança entre todos os componentes da pessoa: entre o estudo e a vida; entre gerações; entre os professores, os estudantes, as famílias e a sociedade civil com as suas expressões intelectuais, científicas, artísticas, desportivas, políticas, empreendedoras e de solidárias em apoio às gerações mais novas.

Perante a “catástrofe educativa”, causada pela pandemia, que aumentou uma já alarmante lacuna educativa, as receitas simplistas não são suficientes, mas temos de acreditar no poder transformador da educação. Educar é apostar e dar ao presente a esperança que quebra determinismos e fatalismos; a educação é sempre um ato de esperança que convida à coparticipação e à transformação da lógica da indiferença numa cultura de encontro e de inclusão.

A educação deve ajudar-nos a construir um futuro que já não seja marcado pela divisão, pelo empobrecimento das faculdades de pensamento e imaginação, mas baseado na escuta, no diálogo e na compreensão mútua.

O vademecum assume os sete objetivos apontados pelo Papa Francisco, cada um dos quais pode tornar-se um caminho educativo a desenvolver através das fases de reflexão, a elaboração de projetos que respondam aos vários desafios locais e a sua implementação concreta. Poderão nascer histórias e experiências pessoais e comunitárias capazes de também inspirar outros a partilhá-las e assim empreender um processo de mudança, inspirado na cultura do cuidado, na ecologia integral, na construção da fraternidade e da paz. As experiências podem ser recolhidas pelas Comissões das Conferências Episcopais e também enviadas para a Universidade LUMSA (eis.ricerca@lumsa.it).

Temos de ter confiança e investir no potencial dos jovens para que possam ser ajudados a olhar para frente juntos e com coragem.

+ *Ángelo Vincenzo Zani*

1 Colocar a pessoa no centro

Colocar a pessoa no centro de cada processo educativo, realçar a sua especificidade e a sua capacidade de estar relacionado com os outros, contra a cultura do descartável.



2 Ouvir as gerações mais novas

Escutar a voz das crianças, dos adolescentes e jovens para juntos construir um futuro de justiça e de paz, uma vida digna para cada pessoa.



3 Promover a mulher

Favorecer a participação plena das meninas e das jovens na educação.



4 Responsabilizar a família

Ver na família o primeiro e indispensável sujeito educador.



5 Se abrir à acolhida

Educar e educar-nos à acolhida, abrindo-nos aos mais vulneráveis e marginalizados.



6 Renovar a economia e a política

Estudar novas formas de compreender a economia, a política, o crescimento e o progresso, ao serviço do homem e de toda a família humana na perspectiva de uma ecologia integral.



7 Cuidar da casa comum

Cuidar e cultivar a nossa casa comum, protegendo os seus recursos, adotando estilos de vida mais sóbrios e visando energias renováveis e respeitosas do meio ambiente.



1

Colocar a pessoa no centro

Colocar a pessoa no centro de cada processo educativo, realçar a sua especificidade e a sua capacidade de estar relacionado com os outros, contra a cultura do descartável.

Dicas para a reflexão

O primeiro objetivo destaca a necessidade de basear todas as ações educativas num sólido fundamento antropológico, numa visão saudável e precisa da pessoa. O Papa Francisco diz que cada mudança precisa de um caminho educativo, para reconstruir o tecido das relações, para fazer amadurecer uma nova solidariedade universal e dar vida a uma sociedade mais acolhedora. Por esta razão, precisa-se compor um novo humanismo para o qual é necessário superar a metamorfose cultural e antropológica da sociedade de hoje. Isto permite dar consistência à identidade de cada pessoa, cuidando de todas as suas dimensões, consolidando as suas estruturas psicológicas, evitando assim a sua fragmentação e desintegração face a uma mudança incessante e rápida.



Valores:

1. Respeito e valorização da identidade de cada pessoa, sem discriminação de sexo, idade, raça, religião, ideologia, condição social etc.
2. Educação para uma formação integral que valorize todas as dimensões do ser humano.
3. Defesa dos direitos universais e inalienáveis de cada pessoa.

Sugestões para os Educadores

- Criar as condições para que todos os membros da sua instituição/organização tenham acesso e conheçam a Carta Universal dos Direitos Humanos.
- Garantir a existência de oportunidades iguais para os membros da sua instituição/organização, sem discriminação de gênero, idade, raça, religião, ideologia e condição social.
- Cuidar de cada membro da sua instituição/organização, com especial atenção aos mais frágeis, oferecendo uma formação integral que valorize todas as dimensões da pessoa, incluindo a espiritual.

Ouvir as gerações mais novas

Escutar a voz das crianças, dos adolescentes e jovens para juntos construir um futuro de justiça e de paz, uma vida digna para cada pessoa.

Dicas para a reflexão

Este objetivo foca a atenção sobre a necessidade de adotar um paradigma pedagógico com base na escuta e no diálogo atento e respeitoso com as gerações mais jovens. O Papa usa três verbos: ouvir, transmitir, construir juntos. É preciso sempre começar do ouvir a pessoa, acolhendo as suas perguntas, as suas exigências, as suas feridas, a sua pobreza, descobrindo os seus talentos, conhecendo os seus sonhos, os seus ideais etc. Antes de “instruir” é necessário “e-ducere”, retirar, fazer sair, trazer à luz, preparar o bom terreno, predispondo-o a acolher a semente do conhecimento. Mas, escreve o Papa, isso é feito transmitindo e compartilhando os valores, ou seja, a vida, o estilo de existência; só num segundo momento transmitam-se os conhecimentos, os quais fazem com que os valores sejam compreendidos e apreciados. Além disso, o processo é como uma construção, um prédio que é feito “em conjunto”; e isso põe em evidência o valor da relação e da comunidade onde se cresce juntos.



Valores

1. Ouvir as crianças, os adolescentes e os jovens para colocá-los no centro da ação educativa, com especial atenção a quem há necessidades educativas especiais (“não são os alunos que devem adaptar-se à escola, mas a escola que deve adaptar-se aos alunos”).
2. Cada criança, adolescente e jovem têm direito ao máximo respeito e a uma educação de qualidade.
3. Construção de um ambiente educativo participativo envolvendo mente, mãos e coração (“para educar uma criança, é necessária uma aldeia inteira”).

Sugestões para os Educadores

- Promover o protagonismo dos estudantes e jovens e o seu acesso à educação.
- Assegurar a participação dos representantes dos estudantes nos órgãos consultivos e deliberativos da sua instituição/organização.
- Criar comunidades educativas acolhedoras que estejam particularmente atentas aos alunos com necessidades educativas especiais.
- Condenar qualquer forma de desrespeito e exploração das crianças.

Promover a mulher

Favorecer a participação plena das meninas e das jovens na educação.

Dicas para a reflexão

Uma atenção especial é dada à questão das meninas e das jovens, que muitas vezes são marginalizadas pela educação e pela sociedade. É uma escolha prioritária e estratégica.

O Papa Francisco escreve na Encíclica "*Fratelli Tutti*" (n.23): "a organização das sociedades em todo o mundo ainda está longe de refletir claramente que as mulheres têm exatamente a mesma dignidade e direitos que os homens. Em palavras são ditas certas coisas, mas as decisões e a realidade gritam outra mensagem. É um facto que duplamente pobres são as mulheres que sofrem de situações de exclusão, maus tratos e violência, pois muitas vezes se encontram com menos oportunidades de defender seus direitos".



Valores

1. Reconhecimento dos mesmos direitos, dignidade e igualdade entre homens e mulheres
2. Maior participação das meninas e das jovens na educação, através de políticas concretas de inclusão.
3. Inclusão equitativa das mulheres nos órgãos colegiais de decisão.

Sugestões para os Educadores:

- Garantir, na medida do possível, uma presença equitativa masculina e feminina na sua instituição/organização.
- Incentivar políticas a favor da participação das jovens na educação.
- Proteger a presença de um número equitativo de mulheres nas funções de gestão, no corpo docente e órgãos colegiais da sua instituição/organização.
- Condenar todas as formas de discriminação e violência contra as mulheres.

Responsabilizar a família

Ver na família o primeiro e indispensável sujeito educador.

Dicas para a reflexão

Outro objetivo é a família, que é o primeira e indispensável sujeito educador. Esta é a célula fundamental da sociedade e como tal deve ser capaz de cumprir sua tarefa como fonte de relações generativas e constitutivas da pessoa a quem todos os outros sujeitos devem concorrer. O documento *Gravissimum Educationis* afirma que os pais são os primeiros e principais educadores de seus filhos e “essa função educacional é tão importante que, se faltar, dificilmente pode ser suprida”. É, portanto, “a primeira escola de virtudes sociais, que todas as sociedades precisam. [...] Especialmente na família cristã... os filhos desde cedo devem ser educados para perceber o sentido de Deus e venerá-lo e amar os outros” (n. 3).



Valores

1. Prioridade da família na educação dos filhos.
2. Participação de representantes dos pais em órgãos colegiais de decisão.
3. Aumento de políticas a favor das famílias, em especial dos socioeconomicamente mais desfavorecidos.

Sugestões para os Educadores

- Envolver sempre as famílias nas atividades educativas da sua instituição/ organização.
- Garantir a presença dos representantes dos pais nos órgãos consultivos e deliberativos da sua instituição/organização.
- Construir pactos educativos comunitários entre as escolas e a família, para responder às necessidades do território.
- Incentivar programas de formação e autoformação dos pais.

Se abrir à acolhida

Educar e educar-nos à acolhida, abrindo-nos aos mais vulneráveis e marginalizados.

Dicas para a reflexão

Num mundo globalizado, a igualdade geral não foi alcançada, mas se acentuaram muitas formas de desequilíbrios sociais, econômicos e culturais. Ao lado dos cidadãos que obtêm os meios apropriados para o desenvolvimento pessoal e familiar, muitos são “não cidadãos”, “semi-cidadãos” ou “sobras urbanas”, os excluídos (cf. *Evangelii Gaudium*, n. 74).

Uma sociedade é saudável quando é capaz de acolher os mais vulneráveis, quando se preocupa com os excluídos para que eles se tornem plenamente cidadãos. O pacto educacional deve, por essa razão, focar-se na acolhida dos últimos, na cultura da inclusão, no cultivo em todos a atenção às periferias sociais e existenciais para curar as feridas mais profundas da pessoa humana e da sociedade.



Valores

1. Educação na abertura e no encontro do outro.
2. Acolhimento e integração das pessoas vulneráveis e marginalizadas através de políticas de inclusão.
3. Superação da cultura do descartável através de projetos de inclusão.

Sugestões para os Educadores

- Promover programas de sensibilização numa perspetiva intercultural e inter-religiosa.
- Acolher estudantes e pessoas de outros países na sua instituição/organização (internacionalização).
- Iniciar programas de cooperação internacional para a construção de um mundo mais fraterno e acolhedor.

Renovar a economia e a política

Estudar novas formas de compreender a economia, a política, o crescimento e o progresso, ao serviço do homem e de toda a família humana na perspectiva de uma ecologia integral.

Dicas para a reflexão

Esse objetivo resume muitos aspectos.

A economia, a política, o crescimento e o progresso são aspectos que fazem parte de um modo de vida, de uma cultura do povo em que a educação deve procurar formar homens e mulheres capazes de serem protagonistas do bem comum. Para isso, é essencial disseminar uma cultura de encontro, onde se procure sempre pontos de contato, se constroem pontes, se projete algo que envolve a todos (cf. *Fratelli Tutti* n.216). Isso implica educar à capacidade de reconhecer o direito do outro de ser ele mesmo e de ser diferente. Dentro desse estilo de vida cultural e de valores deve estar presente e ativo um “pacto social”, graças ao qual todos estão dispostos a fazer algo para o bem comum (cf. n. 221). A educação deve, portanto, ajudar a viver o valor do respeito, deve ensinar “o amor capaz de aceitar todas as diferenças, a prioridade da dignidade de cada ser humano em relação a qualquer uma de suas ideias, sentimentos, práticas” (n. 191).



Valores

1. Renovação da ideia de economia, política, crescimento e progresso com vista à inclusão.
2. Desenvolvimento sustentável e compromisso com a construção do bem comum através de um “pacto social”.
3. Investimento das melhores energias para uma educação a serviço da comunidade.

Sugestões para os Educadores

- Incentivar na sua instituição/organização o estudo e investigação sobre economia, política, crescimento e progresso com ideias inovadoras e inclusivas, revisão de currículos e planos de estudo.
- Propor uma educação integral ao serviço dos valores de participação, de democracia, de política, de justiça, de igualdade, de fraternidade e de paz.
- Reorientar os projetos de formação da sua instituição/organização em favor da formação de pessoas disponíveis para servir a comunidade.

Cuidar da casa comum

Cuidar e cultivar a nossa casa comum, protegendo os seus recursos, adotando estilos de vida mais sóbrios e visando energias renováveis e respeitosas do meio ambiente.

Dicas para a reflexão

O último objetivo indicado pelo Papa Francisco refere-se claramente à encíclica *Laudato si'*, na qual destaca-se a dimensão global da crise atual. Não se trata apenas de uma crise ambiental, financeira, política, social: é uma crise sem adjetivação, porque é uma crise interna, que se projeta externamente em todas as dimensões do ser humano, na relação com os outros, com a sociedade, com as coisas, com o meio ambiente. O que está em jogo, então, é existencial, diz respeito à posição que o homem atribui a si mesmo na realidade, à maneira como ele percebe sua existência no mundo. Por isso, o Pontífice, já na primeira mensagem de lançamento do pacto educacional (12-9-2019), havia renovado o convite ao diálogo sobre a forma como estamos construindo a casa comum e o futuro do planeta. A resposta está na necessidade de investir os talentos de todos, pois toda mudança precisa de um caminho educativo para amadurecer uma nova solidariedade universal e uma sociedade mais acolhedora.



Valores

1. Educação no respeito e cuidado da casa comum e estilos de vida mais sóbrios e amigos do ambiente
2. Investimento em energias renováveis.
3. Proteção e multiplicação de espaços verdes no seu território e nos seus centros educativos

Sugestões para os Educadores

- Incentivar atividades na sua organização em defesa do ambiente.
- Desenvolver um cuidado para a casa comum e refinar a capacidade de levar o coração à beleza face às maravilhas da criação.
- Facilitar a conversão em energias renováveis para o sustento energético da sua instituição/organização.
- Criar espaços verdes nos seus centros educativos proporcionalmente ao número de membros da sua instituição/organização

Áreas temáticas para investigação

Para uma ideia de Universidade...

O Papa Francisco encontrou-se muitas vezes com o mundo universitário ao longo do seu pontificado, especialmente aquele católico.

A Constituição Apostólica *Ex corde Ecclesiae*, recorda que a Universidade Católica nasceu do coração da Igreja e historicamente remonta à própria origem da universidade como instituição.

Na construção das universidades da *Comunidade Educativa Global* é necessário um trabalho de investigação científica nas cinco áreas temáticas que constituem as pedras angulares da ideia da Universidade do Papa Francisco.

Eis as áreas temáticas e as universidades de referência às quais outras universidades poderão juntar-se para traçar iniciativas e pesquisas em conjunto e para onde poderão convergir suas contribuições.

1. Dignidade e direitos humanos

UNIVERSIDADE DE REFERÊNCIA | University of Notre Dame (EUA)

2. Fraternidade e cooperação

UNIVERSIDADE DE REFERÊNCIA | Università Cattolica del Sacro Cuore (Itália)

3. Tecnologia integral e ecologia

UNIVERSIDADE DE REFERÊNCIA | Pontifícia Universidade Javeriana (Colômbia)

4. Paz e cidadania

UNIVERSIDADE DE REFERÊNCIA | Pontificia Università Lateranense

5. Culturas e religiões

UNIVERSIDADE DE REFERÊNCIA | University of Santo Tomas (Filipinas)

1. Dignidade e direitos humanos

UNIVERSIDADE DE REFERÊNCIA | University of Notre Dame (EUA)



A missão da universidade é defender a dignidade e os direitos da pessoa humana

Ao definir a identidade e a missão da Universidade Católica, o Papa João Paulo II em *Ex corde Ecclesiae*, indica o objetivo de proteger e desenvolver a dignidade humana: “Toda Universidade, como Universidade, é uma comunidade acadêmica que, de forma rigorosa e crítica, contribui para a proteção e desenvolvimento da dignidade humana e do patrimônio cultural através da pesquisa, ensino e dos diversos serviços oferecidos às comunidades locais, nacional e internacional. (*Ex Corde Ecclesiae* 12).

Papa Francisco também enfatiza a missão da universidade de promover a vida humana plena e autêntica. À delegação da Universidade de “Notre Dame” por ocasião da inauguração de seu centro universitário em Roma, o Pontífice lembra a dimensão do “discipulado missionário” das universidades católicas “que, por sua própria natureza, estão comprometidas em mostrar harmonia entre fé e razão e destacar a relevância da mensagem cristã para uma vida humana vivida em plenitude e autenticidade”.

Assim como para os estudantes e acadêmicos da Universidade de Bolonha (1-10-2017), Papa Francisco lembra a missão da universidade de defender os direitos das pessoas, especialmente os mais fracos: “A universidade nasceu aqui para o estudo do direito, para a busca do que defende as pessoas, regula a vida comum e protege contra a lógica dos mais fortes, da violência e da arbitrariedade. É um desafio atual: afirmar os direitos das pessoas e dos povos, dos mais fracos, daqueles que estão descartados, e da criação, nosso lar comum”.

A encíclica *Fratelli Tutti*, um compêndio da doutrina social do Papa Francisco, defende “a igualdade de direitos baseada na mesma dignidade humana” (n.22). “Diferenças de cor, religião, capacidade, local de origem, local de residência e muitas outras não podem ser colocadas antes ou usadas para justificar os privilégios de alguns em detrimento dos direitos de todos” (n.118). Ecoa em particular, o apelo pelo respeito dos direitos dos migrantes (n.40) dos mais fracos, das mulheres, porque “é inaceitável que uma pessoa tenha menos direitos pelo fato de ser mulher” (n.121).

Como garantia do respeito dos direitos, o papel das Nações Unidas permanece válido, e a sua Carta “é um ponto de referência obrigatório para a justiça e um veículo de paz (n.257). Portanto, “esta Organização não deve ser ilegítima” (n.173).

2. Fraternidade e cooperação

UNIVERSIDADE DE REFERÊNCIA | Università Cattolica del Sacro Cuore (Itália)



UNIVERSITÀ
CATTOLICA
del Sacro Cuore

Universidade como um lugar de construção de fraternidade entre os povos, diálogo e solidariedade

No encontro com o mundo da cultura (22-09-2013) Papa Francisco fala da “Universidade como um lugar onde a cultura de proximidade é desenvolvida, [...] cultura de proximidade. [...] A universidade é um lugar privilegiado onde essa cultura de diálogo é promovida, ensinada e vivida, isso não nivela indiscriminadamente as diferenças e o pluralismo – é este um dos riscos da globalização – nem as levar ao extremo tornando-as uma fonte de desencontro, mas ao contrário, em confrontos construtivos. Isso significa compreender e valorizar a riqueza do outro, considerando-a não com indiferença ou medo, mas como fator de crescimento. [...] Universidade como lugar de formação à solidariedade. [...] A solidariedade, portanto, como forma de fazer história, como área vital onde conflitos, tensões e até mesmo opostos alcançam uma harmonia que gera vida”.

“Tudo está relacionado a tudo, tudo é criado para ser um ícone vivo de Deus que é Trindade de Amor! É hoje uma tarefa prioritária, portanto, educar as pessoas a viver esse pacto, aliás, para ser este pacto vivo em todas essas dimensões: abrir os caminhos ao futuro para uma nova civilização que abrace a humanidade e o cosmo na fraternidade universal. Essa vocação para a fraternidade, essa vida na irmandade hoje é indispensável, não se pode caminhar sem ela”.

3. Tecnologia integral e ecologia

UNIVERSIDADE DE REFERÊNCIA | Pontifícia Universidade Javeriana (Colômbia)



Pontificia Universidad
JAVERIANA
Bogotá

Tecnologia a serviço do bem comum e do meio ambiente

Papa Francisco à delegação da Universidade de Tel Aviv (23-10-2017) diz que “A universidade é chamada a educar para uma cultura sapiencial, capaz de harmonizar a abordagem técnica e científica com a humanista, na convicção de que a busca da verdade e do bem é, em última análise, única”.

Em seu encontro com o mundo da escola e da universidade (7-7-2015), o Pontífice afirma: “A criação é um dom que deve ser compartilhado. É o espaço que Deus nos dá para construir um «nós». O mundo, a história, o tempo, é um lugar onde vamos construir o «nós» com Deus, nós com os outros, nós com a terra. ... No conto da Gênesis, juntamente com a palavra cultivar, imediatamente se acrescentam outras: guardar, cuidar. Uma é compreendida a partir da outra. De uma mão para a outra. Não cultiva nada quem não se importa com os outros e quem não se importa com os outros não cultiva nada”.

Referindo-se à encíclica *Laudato si'* Papa Francisco diz que “Há uma relação entre nossa vida e a de nossa mãe terra. Entre nossa existência e o dom que Deus nos deu.

«O ambiente humano e o ambiente natural estão se degradando juntos, e não seremos capazes de lidar adequadamente com a degradação ambiental a menos que prestemos atenção às causas relacionadas à degradação humana e social».

Na Universidade Sophia, em Tóquio (26-11-2019), retomando a encíclica *Laudato si'*, Papa Francisco argumenta que a preocupação com a proteção da terra, nossa casa comum, “pode ser combinada com a promoção de um novo episteme capaz de ampliar e questionar qualquer tentativa reducionista do paradigma tecnocrático. Não percamos de vista o fato de que «a humanidade autêntica, que convida a uma nova síntese, parece habitar no meio da civilização tecnológica, quase imperceptível, como a neblina que filtra sob uma porta fechada. Será uma promessa permanente, apesar de tudo, que floresce como uma resistência teimosa ao que é autêntico?»”. E insta a própria universidade a colocar os grandes avanços tecnológicos “a serviço de uma educação mais humana, mais justa e ecologicamente mais responsável”.

Papa Francisco entregou à humanidade os pensamentos da Igreja sobre a ecologia e a defesa do ambiente na encíclica *Laudato si'* para “unir toda a família humana na busca do desenvolvimento sustentável e integral” (n.13).

4. Paz e cidadania

UNIVERSIDADE DE REFERÊNCIA | Pontificia Università Lateranense



Uma universidade não neutra, mas alinhada para a paz

Papa Francisco em seu encontro com os estudantes e o mundo acadêmico (Bolonha 1-10-2017) recorda a corajosa decisão de Bento XV de ir contra as “razões da guerra” chamando a guerra de “um massacre inútil”. A partir do princípio do “repúdio à guerra” convida a “empreender caminhos de não-violência e caminhos da justiça, que promovam a paz. Porque diante da paz não podemos ser indiferentes ou neutros. [...] Não neutros, mas defensores da paz!”.

E falando da Europa, ele diz: “Sonho com uma Europa «universitária e mãe» que, consciente de sua *cultura*, dá *esperança* aos seus filhos e seja um instrumento de paz para o mundo”.

No seu discurso na Pontificia Universidade Lateranense, o Pontífice afirma que “a paz, a dignidade humana, a inclusão e a participação destacam a necessidade de um amplo pacto educacional capaz de transmitir não apenas o conhecimento do conteúdo técnico, mas também e sobretudo uma sabedoria humana e espiritual, composta de justiça, retidão, comportamentos virtuosos e capaz de ser realizada em termos concretos. [...] Diante da falta de paz, não basta invocar a liberdade da guerra, proclamar direitos ou mesmo usar a autoridade em suas várias formas. Acima de tudo, é preciso questionar uns aos outros, recuperar a capacidade de estar entre as pessoas, dialogar com elas e entender suas necessidades, talvez com a nossa fraqueza, que é então a maneira mais autêntica de sermos bem-vindos quando falamos de paz”. E conclui o seu discurso, lembrando o Cardeal Jean-Louis Tauran que “nos fez entender que não basta chegar ao que nos aproxima, mas é necessário explorar novas possibilidades para que as diferentes tradições religiosas possam transmitir, além das mensagens de paz, a paz como mensagem”.

5. Culturas e religiões

UNIVERSIDADE DE REFERÊNCIA | University of Santo Tomas (Filipinas)



Universidade como um lugar de confronto inter-religiosa e intercultural

Papa Francisco em seu Discurso na Universidade de Roma Tre (17-02-2017) diz que “A universidade também pode ser um lugar onde a cultura de conhecer e acolher pessoas de diferentes tradições culturais e religiosas é desenvolvida. [...] Uma cultura se consolida em abertura e confronto com outras culturas, desde que tenha uma consciência clara e madura de seus princípios e valores. Por isso, encorajo professores e alunos a vivenciarem a universidade como um ambiente de diálogo verdadeiro, que não cancela a diversidade ou a exacerba, mas abre um confronto construtivo. Somos chamados a compreender e apreciar os valores do outro, superando as tentações da indiferença e do medo. Nunca tenham medo do encontro, diálogo, confronto”.

Aos participantes do encontro promovido pelo Pontifício Instituto de Estudos Árabes e Islâmicos (24-01-2015) o Santo Padre diz que “a cultura e a educação não são de forma alguma secundárias em um verdadeiro processo de aproximação ao outro que respeite em cada pessoa “a sua vida, a sua integridade física, a sua dignidade e os direitos conexos, a sua reputação, a sua propriedade, a sua identidade étnica e cultural, as suas ideias e as suas escolhas políticas”.

O capítulo VIII da encíclica *Fratelli Tutti* é dedicado às religiões ao serviço da fraternidade no mundo. “As diferentes religiões, a partir do reconhecimento do valor de cada pessoa humana como criatura chamada para ser filho ou filha de Deus, oferecem uma contribuição preciosa para a construção da fraternidade e para a defesa da justiça na sociedade” (n. 271). Portanto, elas têm direito a um lugar justo no debate público: “Não é aceitável que apenas os poderosos e cientistas tenham voz no debate público. Deve haver um espaço de reflexão que proceda de um substrato religioso que reúne séculos de experiência e sabedoria” (n. 275).

Universidade coordenadora

Universidade LUMSA



A Universidade LUMSA, em conexão com o Comitê para o Pacto Educativo Global, desempenhará o papel de coordenação das cinco universidades responsáveis, monitorando os projetos e iniciativas que estas irão gradualmente planejar com as universidades parceiras.

Os resultados destas pesquisas serão coletados, publicados e disponibilizados no site www.educationglobalcompact.org da Congregação para a Educação Católica.

Entre na rede...

- O apelo para unir esforços em uma ampla aliança educacional, iniciou um caminho orientado por 7 compromissos e 5 áreas de pesquisa, com o objetivo de formar pessoas maduras, capazes de superar a fragmentação e os contrastes e construir o tecido das relações para uma humanidade mais fraterna.
- O caminho oferece a oportunidade de criar projetos educacionais inovadores e criativos que valorizem as culturas locais, construam pontes intergeracionais e cuidem das periferias ambientais e existenciais.
- Para apoiar este caminho, somos convidados a compartilhar projetos e suas conquistas por meio de redes de comunicação e de cooperação.

... para partilhar experiências

As experiências e os resultados alcançados podem ser partilhadas online com outras instituições/organizações, enviadas à Comissão para o Pacto Educativo Global da sua Conferência Episcopal e à Universidade LUMSA: eis.ricerca@lumsa.it



Um logotipo para o Pacto...

As cores: **verde** recorda a natureza, o crescimento, a renovação e também a esperança, a possibilidade de “semear” sonhos proféticos. O **azul** recorda a nossa dimensão espiritual, e também o que gostaríamos de contribuir para alcançar a paz. O **ouro** representa a luz, o sagrado, porque cada pacto, cada aliança para o bem comum, para o bem da humanidade, tem algo sagrado nele.

As formas: O **mundo** cuidadosamente abraçado por uma **figura humana** que quer protegê-lo e cuidar dele. A linha do círculo simboliza aquele macrocosmo que é **Deus**, princípio e fim de tudo.

Para mais informações sobre o **Global Compact on Education**

www.educationglobalcompact.org | info@educationglobalcompact.org

ANEXO 1

Mensagem em vídeo do Papa Francisco sobre o Pacto Educativo Global (15-10-2020)

Queridos irmãos e irmãs!

Quando vos convidei para iniciar este caminho de preparação, participação e lançamento dum Pacto Educativo Global, nunca me passou pela cabeça a situação em que havia de desenrolar-se; o Covid acelerou e amplificou muitas das urgências e emergências que sentíamos, e revelou outras. Às dificuldades sanitárias, seguiram-se as económicas e sociais. Os sistemas educativos do mundo inteiro sofreram com a pandemia, tanto a nível escolar como académico.

Procurou-se por todo o lado implementar uma resposta rápida através de plataformas educativas informáticas, que evidenciaram não só uma acentuada disparidade de oportunidades educacionais e tecnológicas, mas também o facto de muitas crianças e adolescentes, devido ao confinamento e outras carências anteriores, terem sofrido atrasos no processo normal de desenvolvimento pedagógico. Segundo alguns dados recentes de agências internacionais, fala-se de «catástrofe educativa» – é talvez forte a expressão, mas fala-se de «catástrofe educativa» –, pois cerca de dez milhões de crianças poderiam ser obrigadas a abandonar a escola por causa da crise económica gerada pelo coronavírus, agravando uma disparidade educativa já alarmante (com mais de 250 milhões de crianças, em idade escolar, excluídas de toda e qualquer atividade formativa).

Perante realidade tão dramática, sabemos que as inevitáveis medidas sanitárias se revelarão insuficientes, se não forem acompanhadas por um novo modelo cultural. Esta situação fez crescer a consciência de que se deve imprimir uma viragem ao modelo de desenvolvimento. Para que respeite e defenda a dignidade da pessoa humana, tal modelo deverá partir das oportunidades que a interdependência mundial oferece à comunidade e aos povos, cuidando da nossa casa comum e tutelando a paz. A crise que atravessamos é uma crise geral, que não se pode reduzir nem limitar apenas a uma única área ou setor. É geral. O Covid tornou possível reconhecer, de forma global, que aquilo que está em crise é a nossa forma de compreender a realidade e de nos relacionarmos entre nós.

Neste contexto, vemos que não bastam receitas simplistas nem vão otimismo. Conhecemos o poder transformador da educação: educar é apostar e infundir no presente a esperança que rompe os determinismos e fatalismos com que muitas vezes o egoísmo do forte, o conformismo do vulnerável e a ideologia do utopista se querem impor como único caminho possível.

Educar é sempre um ato de esperança que convida à participação transformando a lógica estéril e paralisadora da indiferença numa lógica diferente, capaz de acolher a nossa pertença comum. Se hoje deixássemos os espaços educativos continuarem a reger-se pela lógica da substituição e repetição, incapazes de gerar e mostrar novos horizontes, onde a hospitalidade, a solidariedade intergeracional

e o valor da transcendência fundamentem uma nova cultura, não estaríamos porventura a falhar o encontro com a História?

Temos consciência também de que um caminho de vida necessita da esperança fundada na solidariedade e que toda a mudança requer um percurso educativo para construir novos paradigmas capazes de responder aos desafios e emergências do mundo atual, de compreender e encontrar as soluções para as exigências de cada geração e de fazer florir a humanidade de hoje e de amanhã.

Pensamos que a educação seja um dos caminhos mais eficazes para humanizar o mundo e a história. A educação é sobretudo uma questão de amor e responsabilidade que se transmite, ao longo do tempo, de geração em geração.

Por conseguinte, a educação apresenta-se como o antídoto natural à cultura individualista, que às vezes degenera num verdadeiro culto do «ego» e no primado da indiferença. O nosso futuro não pode ser a divisão, o empobrecimento das faculdades de pensamento e imaginação, de escuta, diálogo e compreensão mútua. O nosso futuro não pode ser este!

Hoje temos necessidade duma renovada estação de empenhamento educativo, que envolva todos os componentes da sociedade. Escutemos o grito das novas gerações, que destaca a exigência e, ao mesmo tempo, a oportunidade estimulante dum caminho educativo renovado, que não volte o olhar para o outro lado, favorecendo graves injustiças sociais, violações dos direitos, pobreza profunda e descartes humanos.

Trata-se dum percurso integral, no qual se enfrentem as situações de solidão e desconfiança quanto ao futuro que geram entre os jovens depressão, toxicodependências, agressividade, ódio verbal, fenómenos de bullying. Um caminho partilhado, no qual não se fique indiferente ao flagelo das violências e abusos contra os menores, aos fenómenos das meninas-noivas e das crianças-soldado, ao drama dos menores vendidos e escravizados. A isto vem juntar-se a amargura pelos «sofrimentos» do nosso planeta, causados por uma exploração sem cabeça nem coração, que gerou uma grave crise ambiental e climática.

Na história, há momentos em que é preciso tomar decisões basilares que imprimam marcas na nossa forma de viver e principalmente uma posição correta face aos possíveis cenários futuros. Na situação atual de crise sanitária – repleta de desânimo e perplexidade –, pensamos que este seja o momento de aderir a um Pacto Educativo Global para e com as gerações jovens, que empenhe as famílias, as comunidades, as escolas e universidades, as instituições, as religiões, os governantes, a humanidade inteira na formação de pessoas maduras.

Hoje é-nos pedida a audácia necessária para ultrapassar visões extrínsecas aos processos educativos, superar as excessivas simplificações circunscritas à utilidade, ao resultado (padronizado), à funcionalidade e à burocracia, que confundem educação com instrução e acabam por fragmentar as nossas culturas; em vez disso, somos solicitados a procurar uma cultura integral, participativa e poliédrica. Precisamos de ter a coragem de gerar processos que assumam, conscientemente, a fragmentação existente e os contrastes que efetivamente carregamos connosco; a coragem de recriar o tecido de relações em prol duma humanidade capaz de falar a linguagem da fraternidade. O valor das nossas práticas educativas não será medido simplesmente pela superação de testes padronizados, mas pela capacidade de incidir no coração duma sociedade e fazer nascer uma nova cultura. Um mundo diferente é possível e pede que aprendamos a construí-lo, e isto envolve toda a nossa humanidade, tanto a nível pessoal como comunitário.

Apelamos, em todas as partes do mundo, de maneira particular aos homens e mulheres da cultura, da ciência e do desporto, aos artistas, aos operadores dos meios de comunicação social, para que adiram – também eles – a este pacto e, com o seu testemunho e trabalho, façam-se promotores dos valores de desvelo, paz, justiça, bondade, beleza, acolhimento do outro e fraternidade.

«Não devemos esperar tudo daqueles que nos governam; seria infantil. Gozamos dum espaço de corresponsabilidade capaz de iniciar e gerar novos processos e transformações. Sejamos parte ativa na reabilitação e apoio das sociedades feridas. Hoje temos à nossa frente a grande ocasião de expressar o nosso ser irmãos, de ser outros bons samaritanos que tomam sobre si a dor dos fracassos, em vez de fomentar ódios e ressentimentos» (Enc. *Fratelli tutti*, 77). Um processo plural e poliédrico capaz de nos envolver a todos em respostas significativas, onde as diferenças e as abordagens saibam harmonizar-se na busca do bem comum. Capacidade de criar harmonia: é disto que precisamos hoje.

Por estes motivos, comprometemo-nos, pessoal e conjuntamente, a...

- **Primeiro:** colocar no centro de cada processo educativo – formal e informal – a pessoa, o seu valor, a sua dignidade para fazer emergir a sua especificidade, a sua beleza, a sua singularidade e, ao mesmo tempo, a sua capacidade de estar em relação com os outros e com a realidade que a rodeia, rejeitando os estilos de vida que favorecem a difusão da cultura do descarte;
- **Segundo:** ouvir a voz das crianças, adolescentes e jovens a quem transmitimos valores e conhecimentos, para construir juntos um futuro de justiça e paz, uma vida digna para toda a pessoa;
- **Terceiro:** favorecer a plena participação das meninas e jovens na instrução;
- **Quarto:** ver na família o primeiro e indispensável sujeito educador;
- **Quinto:** educar e educarmo-nos para o acolhimento, abrindo-nos aos mais vulneráveis e marginalizados;
- **Sexto:** empenhar-nos no estudo para encontrar outras formas de compreender a economia, a política, o crescimento e o progresso, para que estejam verdadeiramente ao serviço do homem e da família humana inteira na perspetiva duma ecologia integral;
- **Sétimo:** guardar e cultivar a nossa casa comum, protegendo-a da exploração dos seus recursos, adotando estilos de vida mais sóbrios e apostando na utilização exclusiva de energias renováveis e respeitadoras do ambiente humano e natural, segundo os princípios de subsidiariedade e solidariedade e da economia circulante.

Enfim, queridos irmãos e irmãs, queremos empenhar-nos corajosamente a dar vida, nos nossos países de origem, a um projeto educativo, investindo as nossas melhores energias e também iniciando processos criativos e transformadores em colaboração com a sociedade civil. Neste processo, um ponto de referimento é a doutrina social que, inspirada nos ensinamentos da Revelação e no humanismo cristão, proporcione uma base sólida e uma fonte viva para encontrar os caminhos a percorrer na situação atual de emergência.

Tal investimento formativo, baseado numa rede de relações humanas e abertas, deverá garantir a todos o acesso a uma educação de qualidade, à altura da dignidade da pessoa humana e da sua vocação à fraternidade. É tempo de olhar em frente com coragem e esperança. Que, para isso, nos sustente a convicção de que habita na educação a semente da esperança: uma esperança de paz e justiça; uma esperança de beleza, de bondade; uma esperança de harmonia social!

Lembre-mo-nos, irmãos e irmãs, de que as grandes transformações não se constroem à escrivinha. Há uma «arquitetura» da paz em que intervêm as várias instituições e pessoas duma sociedade, cada qual segundo a sua competência, mas sem excluir ninguém (cf. *ibid.*, 231). Por isso, devemos ir para diante: todos juntos, cada um como é, mas sempre olhando juntos para a frente, para a construção duma civilização da harmonia, da unidade, onde não haja lugar para esta pandemia ruim da cultura do descarte. Obrigado!

ANEXO 2

Instrumentum Laboris

Índice

I. O projeto	26
1. Introdução	26
2. O pacto: a abertura ao outro como fundamento	27
3. A fraternidade original	28
II. O contexto	28
1. Ruptura da solidariedade intergeracional	28
2. Tempos educativos e tempos tecnológicos	29
3. «E-ducar» a demanda	30
4. Reconstruir a identidade	30
5. Crise ambiental como crise relacional	30
III. A visão	31
1. Unidade na diferença: um novo pensar	31
2. A relação no centro	32
3. O mundo pode mudar	32
IV. A missão	33
1. Educação e sociedade	33
2. O amanhã exige o melhor do hoje	34
3. Educar para servir, educar é servir	34
Núcleos temáticos geradores para reflexões adicionais	35

I. O projeto

1. Introdução

Com a Mensagem para o lançamento do Pacto Educativo, de 12 de setembro de 2019, o Papa Francisco convocou, em Roma, os representantes da Terra para assinarem um compromisso comum, com o objetivo de reconstruir o Pacto Educativo Global. Uma tal iniciativa não é uma ideia nova e repentina, mas a concretização de uma visão e de um pensamento que o Papa manifestou várias vezes em seus discursos. Além disso, essa proposta coloca-se na linha do seu magistério, claramente formulado na exortação apostólica *Evangelii gaudium* e na carta encíclica *Laudato si'*, que fazem referência às orientações do Concílio e do pós-Concílio. No primeiro documento, o Papa convidou a Igreja inteira a se colocar “em saída” missionária, como estilo a ser adotado em qualquer atividade que se realizar. O convite é dirigido a todo o povo de Deus, para realizar um anúncio aberto «a todos, em todos os lugares, em todas as ocasiões, sem demora, sem repugnâncias e sem medo»: um anúncio que «não pode excluir ninguém» (EG 23). A Igreja em saída é uma comunidade que se envolve (“primerear”), capaz de intervir em todos os processos da vida pessoal e social.

E, nessa perspectiva, escreve o Papa, depois de ter analisado os problemas do mundo e da cultura atual, «sentimos o desafio de descobrir e transmitir a ‘mística’ de viver juntos, misturar-nos, encontrar-nos, dar o braço, apoiar-nos, participar nesta maré um pouco caótica que pode transformar-se numa verdadeira experiência de fraternidade, numa caravana solidária...» (EG 87). Nesse convite a cuidar das fragilidades do povo e do mundo em que vivemos – convite que não é dirigido apenas aos cristãos, mas a todos os homens e mulheres da terra – a educação e a formação tornam-se prioritárias, pois ajudam a se tornar protagonistas diretos e construtores do bem comum e da paz.

Na carta encíclica *Laudato si'*, o Papa Francisco lembra que «a educação será ineficaz e os seus esforços estéreis, se não se preocupar também por difundir um novo modelo relativo ao ser humano, à vida, à sociedade e à relação com a natureza» (n. 215). Nunca como agora – num contexto dilacerado por contrastes sociais e sem uma visão comum – é urgente uma mudança de rumo que – através de uma educação integral e inclusiva, capaz de uma escuta paciente e de um diálogo construtivo – faça prevalecer a unidade ao conflito. Para este fim, é altamente desejável, afirma o Papa, que sejam iniciados processos de partilha e transformação, com todas as iniciativas necessárias para permitir às gerações futuras a construção de um futuro de esperança e de paz.

A partir desses dois importantes documentos, aquilo que Papa Francisco pretende despertar com o evento de 14 de maio de 2020, baseado na necessidade de reconstruir o Pacto Educativo Global, é a ideia que «qualquer mudança de época que estamos atravessando, requer um caminho educativo, a constituição de uma vila da educação, que gere uma rede de relações humanas e abertas. Tal vila deve colocar no centro a pessoa, favorecer a criatividade e a responsabilidade por uma projeto a longo prazo e formar pessoas disponíveis para se colocar a serviço da comunidade. Necessita, pois, dum conceito de educação que abrace a ampla gama de experiências de vida e processos de aprendizagem e que consinta aos jovens, individual e coletivamente, de desenvolver a sua personalidade. A educação não se esgota nas aulas das escolas ou das Universidades, mas é garantida principalmente respeitando e reforçando o direito primário da família a educar, e o direito das Igrejas e das agregações sociais a amparar as famílias e colaborar com essas na educação dos filhos» (Discurso ao Corpo diplomático acreditado junto da Santa Sé para as felicitações de Ano Novo, 9 de janeiro de 2020).

2. O pacto: a abertura ao outro como fundamento

O Santo Padre propõe através desta Mensagem um compromisso por um Pacto Educativo Global. Não propõe uma ação educativa, tampouco convida a elaborar um programa, mas concentra-se num pacto ou, precisa ainda, em uma aliança educativa. A escolha das palavras revela muito do estilo com o qual o Papa convida a executar tal tarefa: para que possa haver um pacto, de fato, deve haver duas ou mais pessoas diferentes que se comprometam por uma causa comum. Há um pacto quando, mantendo as recíprocas diferenças, opta-se por colocar as próprias forças ao serviço do mesmo projeto. Há um pacto quando somos capazes de reconhecer no outro, diferente de nós, não uma ameaça contra a nossa identidade, mas um companheiro de viagem, para que «se descubra nele o esplendor da imagem de Deus» (Exortação apostólica pós-sinodal *Christus vivit*, 165). Além disso, o termo aliança, segundo a tradição hebraico-cristã, evoca o vínculo de amor estabelecido entre Deus e o seu povo. Amor que em Jesus derrubou o muro entre os povos, restabelecendo a paz (cfr. Ef. 2, 14-15). A partir dessa base, o Papa convida a procurar companheiros de viagem no caminho da educação, mais que propor programas a seguir; convida a estreitar entre todos uma aliança que valorize a unicidade de cada um, graças a um compromisso contínuo na formação. Respeitar a diversidade, poderíamos dizer, é então o primeiro pressuposto do pacto educativo. Um pacto global pela educação só poderá haver, primariamente, a forma de um reconhecimento da indispensabilidade de cada contribuição para enfrentar a emergência educativa que estamos vivendo a algumas décadas, como o próprio Bento XVI já havia reconhecido em sua Carta à Diocese e à cidade de Roma sobre a tarefa urgente da educação, de 21 de janeiro de 2008. E as suas considerações são ainda atuais: «Todos temos no coração o bem das pessoas que amamos, em particular das nossas crianças, adolescentes e jovens. De fato, sabemos que depende deles o futuro desta nossa cidade. Portanto, não podemos não ser solícitos pela formação das novas gerações, pela sua capacidade de se orientar na vida e discernir o bem do mal, pela sua saúde não só física, mas também moral.

Educar, porém, nunca foi fácil, e hoje parece tornar-se sempre mais difícil. Sabem-no bem os pais, os professores, os sacerdotes e todos os que tem diretas responsabilidades educativas. Fala-se por isso de uma grande “emergência educativa”, confirmada pelos insucessos com os quais com muita frequência se confrontam os nossos esforços para formar pessoas sólidas, capazes de colaborar com os outros e dar um sentido à própria vida».

3. A fraternidade original

A fraternidade é a categoria cultural que funda e guia paradigmaticamente o pontificado de Francisco. Inserir-la nos processos educativos, como Ele sugere em sua Mensagem, significa reconhecê-la como dado antropológico fundamental, a partir do qual enxertar todas as principais e positivas “gramáticas” da relação: o encontro, a solidariedade, a misericórdia, a generosidade, mas também o diálogo, o confronto e, de modo mais geral, as variegadas formas da reciprocidade. Originariamente, a vida humana é um fato recebido, que não tem suas origens em nós mesmos. Ao contrário, a vida transcende cada individual homem e mulher, e portanto, não é algo autoproduzido, mas algo dado por outro. Para os crentes, como destacou a recente declaração conjunta – Sobre a fraternidade humana – de Abu Dhabi, trata-se de reconhecer-se como filhos de um único Pai e, portanto, irmãos chamados à recíproca benevolência e à recíproca custódia (cfr. Gn 4, 9). Contudo, como o Papa Francisco quis destacar desde o início de seu magistério, a vocação à custódia fraterna «não diz respeito apenas a nós cristãos, tem uma dimensão que antecede e que é simplesmente humana, diz respeito a todos» (Santa Missa para o início do ministério petrino, 19 de março de 2013). A humanidade inteira, ao receber a vida, descobre-se unida no vínculo da fraternidade, que então se manifesta como o princípio que expressa a realidade estrutural do ser humano (cfr. *Laudato si'*, n. 220). Se podemos escolher os nossos amigos ou alguns dos nossos companheiros, certamente não podemos escolher os nossos irmãos ou as nossas irmãs, enquanto não somos nós os autores da sua existência. Quanto mais for exercida, portanto, a fraternidade não expressa – em primeiro lugar – um dever moral, mas a identidade objetiva do gênero humano e de toda a criação. A atual cultura do descartável, em profundidade, nasce precisamente da reiteração da rejeição da fraternidade como elemento constitutivo da humanidade: «muitas coisas devem reorientar a própria rota, mas antes de tudo é a humanidade que precisa de mudança. Falta a consciência duma origem comum, duma recíproca pertença e dum futuro partilhado por todos» (*Laudato si'*, n. 202). De fato, é precisamente nesta direção que o Papa Francisco havia conduzido a sua primeira Mensagem para a celebração do Dia Mundial da Paz (1º de janeiro de 2014), não acaso intitulado Fraternidade, fundamento e caminho para a paz. Hoje, na perspectiva da construção de uma vila global da educação, esse princípio recebe um impulso renovado, tornando-se, de certa forma, o verdadeiro ponto de chegada de cada processo educativo realizado. É precisamente a disponibilidade de se colocar a serviço da fraternidade a sancionar a plena realização da humanidade que é comum a todos. De fato, fomos criados não apenas para viver “com os outros”, mas também para viver “a serviço dos outros”, numa reciprocidade salvífica e enriquecedora.

II. O contexto

1. Ruptura da solidariedade intergeracional

Apresentando ao Corpo diplomático acreditado junto da Santa Sé, no evento de 14 de maio de 2020, o Papa Francisco indicou a ferida mais grave que o atual contexto sociocultural provoca no compromisso educativo: «Educar exige entrar num diálogo leal com os jovens. São eles os primeiros a chamar-nos à urgência daquela solidariedade intergeracional que, infelizmente, tem faltado nos últimos anos. De fato, em muitas partes do mundo, tem uma tendência a fechar-se em si mesmo, a proteger os direitos e os privilégios adquiridos, a conceber o mundo dentro dum horizonte limitado que trata com indiferença os idosos e sobretudo não oferece mais espaço à vida nascente. O envelhecimento geral de parte da população mundial, especialmente no Ocidente, é sua triste e emblemática representação» (Discurso aos Membros do Corpo diplomático acreditado junto da Santa Sé para as felicitações de Ano Novo, 9 de janeiro de 2020). As raízes últimas dessa

tendência ao isolamento e fechamento em relação ao outro se encontram, sempre segundo o Papa Francisco, numa profunda transformação antropológica, da qual falou pontualmente num discurso aos participantes na assembleia geral dos membros da Pontifícia Academia para a vida, em outubro de 2017. Assim afirmou: «A criatura humana parece que hoje se encontra numa particular passagem da sua história [...] A característica emblemática desta passagem pode ser reconhecida, resumidamente, no rápido difundir-se de uma cultura obsessivamente centrada na soberania do homem – quer como espécie, quer como indivíduo – em relação à realidade. Há quem fala por fim de egolatria, ou seja, de um verdadeiro e próprio culto do eu, sobre cujo altar se sacrifica cada coisa, inclusive os afetos mais queridos. Esta perspectiva não é inócua: essa plasma um sujeito que se vê continuamente no espelho, a ponto de se tornar incapaz de dirigir o olhar para os outros e para o mundo». Vai de si mesmo que é precisamente uma tal egolatria que gera todas aquelas fraturas as quais tornam pesadas a ação educativa desenvolvida em todos os níveis. Estamos falando da fratura entre as gerações, da fratura entre povos e culturas diferente, da fratura entre partes da população ricas e partes da população pobres, as primeiras sempre mais ricas e as segundas sempre mais pobres, da fratura entre masculino e feminino, da fratura entre economia e ética, da fratura entre humanidade e planeta terra. A educação que precisamos hoje, portanto, deve ser capaz de confrontar com esta nova “idolatria do eu” e encontrar as palavras certas para devolver a todos a originalidade e beleza da vocação humana nos confrontos do outro e do seu destino. “Juntos” é a palavra que tudo salva e tudo realiza.

2. Tempos educativos e tempos tecnológicos

Na encíclica *Caritas in veritate*, Bento XVI considera que «A sociedade sempre mais globalizada torna-nos vizinhos, mas não nos torna irmãos» (n. 19). Hoje, uma das declinações fundamentais da globalização é representada pelo desenvolvimento das tecnologias e, em particular, com um impacto talvez mais incisivo no âmbito pedagógico, daquelas relativas à vida online e às mídias sociais. O uso desses mundos digitais coloca enormes desafios à tarefa educativa. De fato, como destacado na *Laudato si'*, embora a formação requer um movimento constante de crescimento e, portanto, de transformação, «a velocidade que hoje lhe impõem as ações humanas contrasta com a lentidão natural da evolução biológica» (n. 18). As novas gerações, de uma forma até hoje desconhecida, são forçadas a conviver com tal contradição, pois o tempo de aprendizado e, mais profundamente, o tempo de amadurecimento, estão muito distantes dos tempos da internet. Não é raro, por conseguinte, isso implique um forte sentimento de frustração e pobreza de autoestima e consciência de si: por que posso conseguir o que eu quero com um “clique”, mas não consigo – com a mesma rapidez – tornar-me uma pessoa adulta, capaz de escolhas importantes e de responsabilidade?

Internet e mídias sociais estão neste modo alterando de maneira radical tanto as relações entre os seres humanos, como os desejos e a própria formação da identidade dos indivíduos, prejudicando diversas capacidades humanas, como a memória, a criatividade ou a capacidade de concentração e introspecção. Não queremos certamente negligenciar aqui o fato que a web oferece grandes oportunidades para a edificação do amanhã, todavia não precisa subestimar a não neutralidade, e então considerar os seus limites intrínsecos e suas possibilidades: a tecnologia «de fato não é capaz de ver o mistério das múltiplas relações que existem entre as coisas e, por isso, às vezes resolve um problema criando outros» (*Laudato si'*, n. 20). Contextualmente, filtrando cada tipo de realidade, o mundo virtual, por um lado, permite o acesso a cada ângulo do planeta, enquanto, por outro, tende a contribuir à «globalização da indiferença» que lentamente nos faz “habituar” ao sofrimento do outro, fechando-nos em nós mesmos.» (Mensagem para a celebração do Dia Mundial da Paz, 1 de janeiro de 2014). Diante das grandes potencialidades e dos grandes riscos que a internet representa hoje, não é suficiente uma atitude de constante denúncia, nem de total absolvição. Serve isto que Papa Francisco nunca deixa de solicitar: é preciso discernimento. E ainda mais, são necessárias pessoas capazes de transferir esta atitude para as novas gerações. A educação hoje necessária é uma educação que não apenas não teme a complexidade do real, mas que se esforça de habilitar todos aqueles aos quais se dirige, a habitar esta complexidade e a “humanizá-la”, conscientes de que qualquer instrumento depende sempre da intencionalidade de quem o utiliza.

3. «E-ducar» a demanda

A «desintegração psicológica», devido em particular modo à mencionada difusão das novas tecnologias, é indicada pelo Papa, na sua Mensagem para o lançamento do Pacto Educativo Global, como um dos problemas educativos mais urgentes. A atenção, em particular de crianças e jovens, é hoje constantemente atraída por estímulos rápidos e múltiplos, que tornam difícil aprender a habitar o silêncio. O tempo e o espaço necessários para que o jovem familiarizar com os próprios desejos e medos, são cada vez mais preenchidos por interações contínuas e atraentes, que seduzem e tendem a preencher cada momento do dia. Além disso, interações que alimentam a racionalidade calculada, instrumental, tecnicista (daquela do como), e não a racionalidade que responde ao sentido profundo das coisas e da vida (daquela do porquê). Na grande riqueza de estímulos, experimenta-se então, por assim dizer, uma profunda pobreza de interioridade, uma crescente dificuldade a parar, a refletir, a escutar e escutar-se. A diversidade e a velocidade dos estímulos digitais muitas vezes «leva a perder o sentido da totalidade, das relações que existem entre as coisas, do horizonte alargado, um sentido que se torna irrelevante» (*Laudato si'*, 110). Seguindo as sugestões feitas por diversos responsáveis religiosos ao Papa Francisco, é preciso ainda concentrar-se hoje sobre educar as demandas dos jovens, prioritárias em relação ao fornecer respostas: trata-se de dedicar tempo e espaço ao desenvolvimento das grandes questões e dos grandes desejos que habitam no coração das novas gerações, que de uma serena relação consigo mesmas, possam levar à busca do transcendente. No Documento sobre a Fraternidade Humana em prol da Paz Mundial e da Convivência Comum, recorda-se, sobre este tema, «a importância do despertar do sentido religioso e da necessidade de o reanimar nos corações das novas gerações» (p. 4). Para o crente, trata-se de despertar nos jovens, com os tempos certos, o desejo de entrar na própria interioridade para conhecer e amar Deus, para o não crente de animar uma inquietude estimulante sobre o sentido das coisas e da própria existência.

4. Reconstruir a identidade

A questão da fragmentação da identidade, ou da dificuldade de construir uma visão unitária de si, é destacada com força por psicólogos e educadores, que identificam, em particular nas novas gerações uma presença crescente de sofrimentos ligados precisamente a esse problema. As indicações dadas pelo Papa Francisco na *Laudato si'* diz respeito com a cultura do descartável e oferecem uma reflexão útil para abordar a questão mais profundamente; de fato, lê-se que «a cultura do descartável, atinge tanto os seres humanos excluídos como as coisas» (n. 22). Entre as pessoas mais atingidas pela cultura do descartável lembramos os idosos e as crianças: na lógica do consumo, os primeiros são descartados porque não são mais produtivos; os segundos porque ainda não são produtivos. Todavia, uma sociedade que coloca os idosos de lado, é uma sociedade que recusa confrontar-se com o próprio passado, com a própria memória e com as próprias raízes: «Os idosos são a sabedoria. E que os idosos aprendam a falar com os jovens, e os jovens com os velhos. Os idosos têm em si a sabedoria de uma cidade» (Discurso do Santo Padre durante o encontro com os fiéis de Pietralcina, 17 de março de 2018). Por outro lado, no descartável da infância mostra ao invés uma pobreza de esperança, de visão e de futuro, já que as crianças «dão-lhe o seu modo de ver a realidade, com um olhar confiante e puro» (Audiência Geral, 18 de março de 2015). Assim como um presente é pobre sem passado e futuro, assim também uma identidade pessoal, sem os outros, é vazia, porque é sem memória e sem perspectiva. Eis então porque, empobrecido de alma e privado de esperança, o homem contemporâneo enfrenta insegurança e instabilidade. É preciso, portanto, formar pessoas capazes de reconstruir os laços quebrados com a memória e com a esperança no futuro, jovens que, conhecendo próprias raízes e estando abertos ao novo que está por vir, saibam reconstruir uma identidade presente mais serena.

5. Crise ambiental como crise relacional

A busca de uma renovação do compromisso educativo da interioridade e da identidade, cada vez mais atingidas pelo mundo globalizado e digital, questiona-se que não se rompa o vínculo com o mais amplo horizonte social, cultural e ambiental no qual essa está inserida. O ser humano e natureza devem ser pensados

na sua interdependência, porque «o ambiente humano e o ambiente natural degradam-se juntos, e não podemos enfrentar adequadamente a degradação ambiental, se não prestamos atenção às causas que têm a ver com a degradação humana e social» (*Laudato si'*, n. 48). A falta de cuidado da interioridade reflete-se numa falta de cuidado da exterioridade, e vice-versa: «o descuido no compromisso de cultivar e manter um correto relacionamento com o próximo, relativamente a quem sou devedor da minha solicitude e custódia, destrói o relacionamento interior comigo mesmo, com os outros, com Deus e com a terra» (*Laudato si'*, n. 70). Mas isso se verifica «se deixarmos de falar a língua da fraternidade e da beleza na nossa relação com o mundo» (*Laudato si'*, n. 11). Daqui, nasce naturalmente a necessidade de uma educação ecológica integral. O desafio ambiental leva essencialmente a um mais radical desafio relacional, no qual está em jogo o futuro das gerações e do próprio planeta. Considerar a questão ambiental como intrinsecamente relacional «impede-nos – afirma a *Laudato si'* – de considerar a natureza como algo separado de nós ou como uma mera moldura da nossa vida. Estamos incluídos nela, somos parte dela e compenetramo-nos» (n. 139). Aqui também, mais que moral, a questão é ontológica e antropológica: «não haverá uma nova relação com a natureza, sem um ser humano novo. Não há ecologia sem uma adequada antropologia» (*Laudato si'*, n. 118). Portanto, a ecologia integral invocada pelo Papa não deve ser considerada individualista, como uma espécie de ecologismo romântico e moral da beleza desencantada da natureza, mas nasce da plena consciência de que «tudo está interligado», «tudo está relacionado», como lembrado várias vezes na *Laudato si'* (cfr. nn. 70, 92, 117, 120, 138, 142). Portanto, é somente no horizonte desta reciprocidade entre interioridade e exterioridade, identidade e alteridade, si e o outro, que é possível redescobrir – como afirma Papa Francisco – «um mistério a contemplar numa folha, numa vereda, no orvalho, no rosto do pobre. O ideal não é só passar da exterioridade à interioridade para descobrir a ação de Deus na alma, mas também chegar a encontrá-Lo em todas as coisas» (*Laudato si'*, n. 233) e, assim, guardá-las num estilo de vida renovado e consciente.

III. A visão

1. Unidade na diferença: um novo pensar

Na origem das fragmentações e oposições de hoje, que muitas vezes levam às mais variadas formas de conflito, está escondido o medo da diversidade (ver também a recente Mensagem para o Dia Mundial da Paz, 1º de janeiro de 2020). Reconstruir os tecidos da unidade e do encontro, portanto, exige que o pensamento dê um salto adiante e mude radicalmente a sua lógica habitual. Enquanto a diversidade e a diferença forem consideradas hostis à unidade, a guerra então será sempre iminente, pronta para se manifestar em toda a sua carga destrutiva. O primeiro princípio indispensável para a construção de um novo humanismo é, portanto, o da educação para um novo pensamento, capaz de unir diversidade e unidade, igualdade e liberdade, identidade e alteridade. Portanto, como escreve a *Evangelii gaudium*, para que a flor de um novo estilo educacional brote «é necessário chegar aonde são concebidas as novas histórias e paradigmas» (n. 74). Em outras palavras, trata-se de entender que as diversidades não apenas não são um obstáculo à unidade, nem a desestabiliza, mas – pelo contrário – são indispensáveis, são o seu horizonte de possibilidades: unidade e diferença não se excluem, na verdade, estão entrelaçadas. Caso contrário, estaríamos diante de uma unidade sufocante, que mata a alteridade, tornando o outro impossível, mas também si mesmo; ou então experimentaríamos uma desordem caótica, na qual identidades individuais são mutuamente indiferentes entre si, impossibilitando qualquer tipo de encontro. É necessário, portanto, exercitar o pensamento que articula a unidade na diversidade e que considera a diferença como uma bênção para a própria identidade e não como um forte impedimento à autorrealização. O trabalho educacional deve intervir, acima de tudo, nesse nível, uma vez que – como recordou Papa Francisco durante a sua visita à Universidade de Roma Tre – «as guerras começam dentro de nós quando não somos capazes de nos abrir para outros, quando não conseguimos falar com os outros», quando – em outras palavras – a alteridade é considerada um obstáculo à afirmação da identidade. Na prática educacional, o novo pensamento inaugura, conseqüentemente, um exercício de diálogo amplo, que envolve livremente quem quer que queira

trabalhar para uma autêntica cultura do encontro, do enriquecimento recíproco e da escuta fraterna: «Mesmo nas disputas, que constituem um aspecto inevitável da vida, é preciso recordar-se sempre de que somos irmãos; por isso, é necessário educar e educar-se para não considerar o próximo como um inimigo nem um adversário a eliminar» (Mensagem para o Dia Mundial da Paz, 1º de janeiro de 2014), porque se «o coração está verdadeiramente aberto a uma comunhão universal, nada e ninguém fica excluído desta fraternidade» (*Laudato si'*, n. 92). Nesse sentido, o papel do diálogo entre as religiões é de importância crucial, pois «é uma condição necessária para a paz no mundo e, por conseguinte, é um dever para os cristãos e também para outras comunidades religiosas» (*Evangelii gaudium*, n. 250). É justamente na prática dialógica, de fato, que «aprendemos a aceitar os outros, na sua maneira diferente de ser, de pensar e de se exprimir. Com este método, poderemos assumir juntos o dever de servir a justiça e a paz, que deverá tornar-se um critério básico de todo o intercâmbio. Um diálogo, no qual se procurem a paz e a justiça social, é em si mesmo, para além do aspecto meramente pragmático, um compromisso ético que cria novas condições sociais» (*ibid.*). À luz dessas considerações, não podemos deixar de destacar que esse pensamento de diálogo e paz deve iluminar e orientar cada vez mais aqueles que os cidadãos elegeram para a administração político-econômica da sociedade civil. A ação política autêntica nunca é dada distante de um pensamento e prática de diálogo e paz.

2. A relação no centro

Entre os valores indispensáveis para a reconstrução de um pacto educacional, parece importante concentrar-se no valor da relação educacional. Com as palavras do Papa Francisco, podemos de fato reiterar que «se, por um lado, não devemos esquecer que os jovens esperam a palavra e o exemplo dos adultos, por outro, é preciso ter em mente que aqueles têm muito para oferecer com o seu entusiasmo, o seu empenhamento e sede de verdade, pela qual nos recordam constantemente o fato de que a esperança não é uma utopia, e a paz é um bem sempre possível. Vim-lo no modo como muitos jovens se estão empenhando por sensibilizar os líderes políticos para a questão das alterações climáticas. O cuidado da nossa casa comum deve ser uma preocupação de todos, e não objeto de contraposição ideológica entre diferentes visões da realidade e, menos ainda, entre as gerações» (Discurso aos membros do corpo diplomático acreditado junto da Santa Sé para as felicitações de Ano Novo, 9 de janeiro de 2020). Como a experiência escolástica confirma, uma educação frutífera não depende primariamente da preparação do professor nem das habilidades dos alunos, mas da qualidade do relacionamento que é estabelecido entre eles. Muitos estudiosos da educação enfatizaram que não é o professor a educar o aluno numa transmissão unidirecional, nem é o aluno a construir o seu próprio conhecimento, mas é o relacionamento deles que os educa mutuamente num intercâmbio dialógico que os pressupõe e, ao mesmo tempo, os supera. Esse é, propriamente, o sentido de colocar no centro a pessoa que é relação. Isso também implica assumir o controle concreto das situações iniciais em que se encontram hoje muitas crianças do mundo inteiro. De fato, não podemos esconder que o discurso sobre a centralidade da pessoa em qualquer processo educacional corre o risco de se tornar muito abstrato se não estiver disposto a abrir os olhos para a situação real da pobreza, do sofrimento, da exploração, da negação de possibilidades, em que se encontra boa parte da infância mundial. E sobretudo, se não se é disponível a fazer alguma coisa. Como Papa Francisco ama se expressar, é preciso agir sempre ligando a cabeça, o coração e justamente as mãos.

3. O mundo pode mudar

Outro princípio fundamental para recolocar no centro do planejamento educacional é aquele pelo qual se afirma que o mundo pode mudar. Sem tal princípio, o desejo humano, especialmente o dos mais jovens, é privado da esperança e da energia necessárias para transcender-se, locomover-se rumo ao outro. A questão foi bem identificada na *Caritas in veritate* de Bento XVI. De fato, «notam-se às vezes atitudes fatalistas a respeito da globalização, como se as dinâmicas em ato fossem produzidas por forças impessoais anônimas e por estruturas independentes da vontade humana» (*Caritas in veritate*, n. 42). Na realidade, as coisas não são assim, portanto, os eventos culturais, históricos e econômicos que acontecem à nossa volta, por maiores que sejam, não devem ser interpretados como fatos incontestáveis, determinados por leis absolutas.

Esta é a mensagem que Papa Francisco desejou restituir aos próprios jovens quando, em 13 de janeiro de 2017, por ocasião da publicação do Documento Preparatório do Sínodo sobre os Jovens, enviou-lhes uma carta. Uma das passagens mais emocionantes desse documento é a seguinte: «Na inauguração da última Jornada Mundial da Juventude, em Cracóvia, perguntei-vos várias vezes: “As coisas podem mudar?”. E juntos, vós gritastes um “Sim!” retumbante. Aquele brado nasce do vosso jovem coração, que não suporta a injustiça e não pode submeter-se à cultura do descartável, nem ceder à globalização da indiferença. Escutai aquele clamor que provém do vosso íntimo!». Hoje, este último convite é dirigido a todos aqueles que têm responsabilidades políticas, administrativas, religiosas e educacionais: é hora de ouvir o clamor que nasce do fundo do coração de nossos jovens. É um grito de paz, de justiça, de fraternidade, de indignação, de responsabilidade e de compromisso de mudar, contra todos os frutos perversos gerados pela atual cultura do descartável.

E é justamente na força desse clamor dos jovens – que encontra cada vez mais espaço nas inúmeras manifestações criadas por eles – que todos, especialmente aqueles que estão envolvidos no setor da educação, devem encontrar a força necessária para alimentar essa revolução da ternura que salvará o nosso mundo que está muito ferido. Surge a necessidade de estimular, com toda força, o fascínio por um risco saudável e de despertar a inquietação pela realidade. Ousar tal inquietação é arriscar a saída de si que implica «correr o risco – como lê-se na *Evangelii gaudium* – do encontro com o rosto do outro, com a sua presença física que interpela, com os seus sofrimentos e suas reivindicações, com a sua alegria contagiosa permanecendo lado a lado» (n. 88). Somente assim o desejo recupera o impulso e se torna o protagonista de sua existência, educando-se em estilos de vida conscientes e responsáveis. De fato, é justamente usando bem o espaço de liberdade que se contribui para o crescimento pessoal e comunitário: «e não se pense que estes esforços são incapazes de mudar o mundo. Estas ações espalham, na sociedade, um bem que frutifica sempre para além do que é possível constatar; provocam, no seio desta terra, um bem que sempre tende a difundir-se, por vezes invisivelmente» (*Laudato si'*, n. 212).

IV. A missão

1. Educação e sociedade

Na sua Mensagem para o Lançamento do Pacto Educativo, como já mencionado no início, Papa Francisco enfatiza fortemente a urgência de estabelecer uma “vila da educação”, na qual são feitos esforços para criar uma rede de relações humanas e abertas. Acrescentou também que tal tarefa não será possível sem a ativação, por parte de todos, de uma tríplice coragem: em primeiro lugar a coragem de colocar a pessoa no centro; em segundo lugar, a coragem de investir as melhores energias com criatividade e responsabilidade; em terceiro e último lugar, a coragem de formar as pessoas disponíveis para o serviço da comunidade. Especificando o primeiro ponto, o da coragem de colocar a pessoa no centro, Papa Francisco se exprime assim: «Por isso, é preciso assinar um pacto para dar uma alma aos processos educativos formais e informais, que não podem ignorar o fato de que tudo, no mundo, está intimamente conexo e é necessário encontrar – segundo uma sã antropologia – outros modos de compreender a economia, a política, o crescimento e o progresso. Num percurso de ecologia integral, coloca-se no centro o valor próprio de cada criatura, em relação com as pessoas e com a realidade que a rodeia, e propõe-se um estilo de vida que rejeite a cultura do descartável» (Mensagem para o Lançamento Pacto Educativo). Entende-se bem neste ponto o profundo vínculo entre a encíclica *Laudato si'* e a iniciativa do Pacto Educativo. Trata-se, portanto, de corajosamente tomar consciência de que a crise ambiental e relacional que estamos enfrentando pode ser tratada com atenção dedicada à educação daqueles que serão chamados para proteger a casa comum no futuro. A educação «chamada a criar uma “cidadania ecológica”» (*Laudato si'*, n. 211), pode se tornar uma ferramenta eficaz para construir a longo prazo uma sociedade mais acolhedora e atenta ao cuidado do outro e da criação. Em outras palavras, o compromisso educacional não é voltado apenas para beneficiários diretos, crianças e jovens, mas é um serviço prestado à sociedade como um todo, que na educação se renova. Além disso, a atenção educacional pode representar um importante ponto de encontro para reconstruir uma trama de relações entre diferentes

instituições e realidades sociais: para educar um jovem, é necessário que a família, a escola, as religiões, associações e sociedade civil em geral dialoguem por um objetivo comum. Partindo da necessidade urgente de formação, portanto, é possível contrastar a «silenciosa ruptura dos vínculos de integração e comunhão social» (*Laudato si'*, n. 46). Poderíamos afirmar que a educação pode ser reinterpretada como um caminho de formação das gerações mais jovens e, ao mesmo tempo, como a possibilidade de revisão e renovação de uma inteira sociedade que, num esforço de transmitir o melhor de si aos mais jovens, discerne os seus comportamentos e, eventualmente, os melhora.

2. O amanhã exige o melhor do hoje

Antecipado por Papa Francisco, a segunda passagem corajosa rumo a um novo pacto formativo consiste em ter a força, como comunidade (eclesial, social, associativa, política), para oferecer à educação as melhores energias que se têm à disposição. Trata-se, como é evidente, de uma escolha corajosa, porque cada escolha comporta também favorecer um aspecto para colocar um outro em segundo plano. Quantas realidades, hoje, colocam a serviço dos jovens o melhor que se têm? Se se pensa na maioria das sociedades de hoje, nota-se claramente como as forças mais criativas e propositivas sejam colocadas a serviço da produção e do mercado. Os melhores jovens graduados e as mentes mais brilhantes costumam ser empregados em grandes empresas com fins lucrativos, mais que na busca do bem comum. Ao mesmo tempo, o consumismo predominante requer a ausência, ou apenas a fraca presença, de pessoas formadas, capazes de espírito crítico e ímpeto relacional. A ideologia consumista, de fato, se alimenta do individualismo e da incompetência na gestão de si, porque é fora da comunidade que somos mais frágeis e é na incapacidade da sobriedade que respondemos docilmente aos estímulos da propaganda. É necessária, portanto, a coragem de fazer uma verdadeira e radical inversão de rota: o investimento, considerando a situação apresentada, requer com a máxima urgência, porque é somente mediante a educação que se pode, realisticamente, esperar uma mudança positiva sobre um projeto de longa duração. Isto que será deve ter o melhor do que existe. Quem será tem direito ao melhor de quem é hoje.

3. Educar para servir, educar é servir

O terceiro ato de coragem solicitado, enfim, pelo Papa Francisco é aquele de formar pessoas disponíveis para se colocarem a serviço da comunidade. Uma tal indicação, na verdade, lança a luz certa sobre um aspecto verdadeiramente decisivo de todo gesto educativo: nenhum educador alcança plena ação educativa se não se comprometer a formar e a plasmar, naqueles que são confiados a seus cuidados, uma plena e real disponibilidade ao serviço dos outros, de todos os outros, de toda a comunidade humana, a partir daqueles que mais apresentam uma situação de fadiga e de desafio. O verdadeiro serviço da educação é a educação ao serviço. De resto, até a pesquisa educativa reconhece sempre com maior clareza a dimensão central do serviço ao próximo e à comunidade como instrumento e como finalidade da própria educação, pensamos, por exemplo, o grande desenvolvimento da didática do *Service Learning*. Esse gênero de pesquisa está mostrando como o serviço pode ser não apenas uma atividade de formação entre as outras (a importância do voluntariado na formação dos jovens é bem reconhecida), porém mais radicalmente como esse possa se tornar o método fundamental mediante o qual todos os conhecimentos e habilidades podem ser transmitidos e adquiridos. Poderíamos indicar esse processo como um desenvolvimento de uma educação a serviço verso uma educação como serviço, segundo a qual o próximo é tanto o caminho quanto a meta do caminho da educação. Por fim, deixamos uma palavra final de reflexão para Hannah Arendt, a qual soube indicar de maneira eficaz e sintética o que realmente está em jogo em cada gesto educacional. Estas são as suas iluminadas palavras: «A educação é o momento que decide se nós amamos suficientemente o mundo para assumir a responsabilidade e assim salvá-lo da ruína, que é inevitável sem a renovação, sem a chegada de novos seres, de jovens. Na educação decide-se também se nós amamos tanto os nossos filhos a ponto de não desalojá-los do nosso mundo deixando-os à mercê de si mesmos, a ponto de não arrebatar de suas mãos a chance de realizar algo novo, algo de imprevisível para nós; e prepará-los, em vez disso, para a tarefa de renovar um mundo que será comum a todos» (*Entre o Passado e o Futuro*, Garzanti, Turin 1999 [orig. 1961], 255).

Núcleos temáticos geradores para reflexões adicionais

- “Mística” de viver juntos
- Vila da educação
- Fraternidade e paz
- Egoatria
- Recursos positivos da Internet
- Educação para o silêncio
- Cultura do descartável
- Pensamento da unidade
- Inquietação da busca
- Revolução da ternura
- Cidadania ecológica



Para mais informações sobre o
Global Compact on Education

www.educationglobalcompact.org

info@educationglobalcompact.org



**CONGREGATIO
DE INSTITUTIONE CATHOLICA**
(DE STUDIORUM INSTITUTIS)